

"IRENE" SUGERIU "LIBÂNIA DAS SINAS"
OU "LIBÂNIA DAS SINAS"
SUGERIU "IRENE"?(1)

Ático Vilas-Boas da Mota*

.....
*'Tu de um lado, e do outro lado
Nós . . . No meio o mar profundo . . .
Mas, por mais fundo que seja,
Somos os dois um só mundo.*

*Grande mundo de ternura,
Feito de três continentes . . .
Ai, mundo de Portugal,
Gente, mãe de tantas gentes!*

.....
*(Manuel Bandeira, Portugal,
meu Avozinho, in Mafua do Malungo)*

* Professor de Literatura Oral (Pós-Graduação). Instituto de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal de Goiás.

1 Este artigo faz parte de uma série de exegeses literárias comparativas, tomando-se por base textos da literatura brasileira nos quais se procurou detectar o reaproveitamento de trechos do discurso alheio ou a transposição de elementos oriundos da **oralidade tradicional**. Na pesquisa em andamento, a literatura em Goiás também foi levada em conta, haja vista a seleção de, pelo menos, cinco prosadores que a representam, além de vários poetas integrantes da segunda série desses estudos.

Não caberia ao autor a última palavra sobre as excelências da denominada **intertextualidade**. Contudo, excluída a possibilidade de tal recorrência, a apropriação indébita de frutos do pomar vizinho é considerada, no exercício da literatura, como indicadora de infraquecimento dos modelos éticos.

Em literatura, as comemorações centenárias têm dupla finalidade: a de exaltar a figura humana do escritor e a de permitir aos estudiosos a reavaliação de sua obra. Poderíamos ainda acrescentar, em determinadas circunstâncias, a piedosa intenção de se avivar a memória de quem, por várias razões, começa a resvalar no desfiladeiro do esquecimento, empurrado pela peneira do tempo, não sendo este o caso de nosso Manuel Bandeira (1886 - 1968), poeta ainda bem vivo em nosso dia-a-dia, presente através de conferências, debates, estudos, teses, além de fazer parte da coleção Aguilar que lhe reuniu a produção literária — poesia e prosa — permitindo, desta forma, o estudo amplo de sua substanciosa produção literária.

A recorrência de Manuel Bandeira às fontes populares evidencia-se por si mesma e tem sido objeto de pesquisas e comentários de estudiosos brasileiros e estrangeiros. Por se tratar de uma constante na obra bandeiriana, qualquer exegeta pouca dificuldade teria em recolher fartos exemplos destinados à interpretação iluminadora. Impossibilitado, no espaço de um artigo, de reexaminar todos os afloramentos de manifestações folclóricas — com predominância do legado literário oral — tomamos o poema “Irene no Céu”² para rastrear alguns referentes que prestigiam as bases de nossa cultura folclórica pelo fato de terem servido de sugestão e de suporte à arquitetura poemática do texto, cuja beleza apoia-se, sobretudo, na sua brevidade expressiva. Ora, brevidade não significa apenas avareza no uso da palavra, nem contensão gratuita no ato criador; exprime, antes de tudo, o despojamento intencional da linguagem, pois dispensa, às vezes, o supérfluo que escurece e a repetição que fadiga.

I. TEXTO BANDEIRIANO

“IRENE NO CÉU

IRENE PRETA

Irene boa

Irene sempre de bom humor.

2 O poema “Irene no Céu” foi incluído no final do livro *Libertinagem* (1930) e, posteriormente, reintegrado em *Poesia Completa e Prosa* (Aguilar). Dos 38 poemas que constituem o livro *Libertinagem*, apenas 8 aparecem datados. Esta lacuna dificulta a busca de indicadores que poderiam elucidar a gênese do poema. No *Itinerário de Pasárgada*, espécie de depoimento autobiográfico, Manuel Bandeira, ora alegre, ora triste, fala-nos do livro do qual faz parte o texto em pauta: “*Libertinagem contém os poemas que escrevi de 1924-1930 — os anos de maior força e calor do movimento modernista*” (O grifo é-nosso). Manuel Bandeira aprez-se em explicar a gênese dos poemas de *Libertinagem*, mas não se refere a “*Irene no Céu*”, a não ser para nos informar que fora musicado. Na 4ª edição (Aguilar), consta uma apreciação sobre a obra, assinada por Mário de Andrade, incluída como nota preliminar, extraída do livro *Aspectos da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, Americ. Edit. 1943.

Imagino Irene entrando no céu:

– *Licença, meu branco!*

E São Pedro bonachão:

– *Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.*”³

FORMA

Sete versos brancos compõem o poema “Irene no Céu”. Nele, poesia e prosa entrelaçam-se e, quando lido, a disposição visual dos significantes aparece sob a forma de dois blocos em preto, duas unidades significativas por si mesmas, independentes.

Percebe, neste poema, resíduos formais do conto popular, cuja horizontalidade progressiva é flagrante: **começo/meio/fim**. O “poema-estória” converge para o **happy end**, surpreendente por sua descontração e síntese.

Polifonia com predominância quase total de sílabas graves, além da variação métrica, geradora do ritmo diferenciado.

A alternância dos pronomes de tratamento — **tu** e **você** — sugerida pela flexão verbal exprime a intencionalidade de se retratar o nível de fala de São Pedro, personagem bem próximo da cosmovisão popular e, por conseguinte, representante da linguagem do povo. Aliás, de maneira geral o povo mistura as flexões verbais correspondentes aos pronomes de tratamento. No texto a palavra **entra** em vez de **entre** explica-se pela maneira com que se emprega, no discurso oral descontraído, desinências verbais nem sempre conforme os cânones gramaticais, dando margem ao que se poderia denominar de **nivelamento pronominal**, ou seja: Tu=Você.

“IRENE NO CÉU”: O POEMA E SEUS VETORES

Neste poema o título não pode ser analisado como se fosse um simples acréscimo ou apêndice dispensável. Não. Nele se insere o vetor maior (**Irene**) e o espaço (“**Céu**”), onde Irene humilde e São Pedro humanizado aproximam-se através da tessitura poética em direção ao diálogo descontraído.

Os três primeiros versos funcionam como **litania** ou **acalanto** em que a palavra Irene é empregada de maneira reiterada. Acalanto traduzido por alguém que fora embalada e atingida pelo sono eterno (a morte) anunciado pelos segmentos seguintes (diálogo no céu), segunda parte do poema. Evidentemente estamos diante de dois espaços claramente esboçados:

a) o **terreno** (litania inicial) sugerido pela alusão a uma **pessoa negra** (Irene), cujos traços de personalidade eram, quando vivia na terra,

assinalados pela **bondade** e pelo **bom humor**. Os três primeiros versos poderiam muito bem receber o título de “Irene na Terra”;

b) o **fantástico** traduzido pela conversa à entrada do céu.

O que ocorre no **espaço fantástico** remete-nos ao **espaço terrenal** devido à recorrência que o poeta faz ao estereótipo: IRENE PRETA equivalente à figura convencional da **Mãe Preta**, que, por extensão, engloba a Babá, a Ama, a Aia, todas elas resultantes da organização social escravista. A Mãe Preta, exemplo de ternura e dedicação, ocupa por conseguinte, posição muito especial na afetividade do poeta, que nada mais fez do que reproduzir a Mãe Preta profunda e definitivamente configurada na alma coletiva brasileira.

O poeta recompõe de modo fantástico o cenário da chegada de Irene ao Céu, assumindo o discurso poético de maneira bastante subjetiva, pois a Mãe Preta de todos os brasileiros estaria resumida na figura da **sua Irene boa**. Daí a recorrência à primeira pessoa do singular (“**imagino**”) e não à do plural (**imaginamos**), nem muito menos à forma indeterminada (**imagina-se**).

Na sociedade do nordeste brasileiro, constituído de brancos, pretos e mulatos, a sujeição dos últimos aos primeiros revela-se através do tratamento submisso (“**meu branco**”), somada ao fato de terem que pedir licença para tudo.

São Pedro³, vetor representante das classes ditas elevadas, é apresentado revestido de uma auréola de bondade, nem sempre coincidente com os últimos estudos sociológicos que têm procurado mostrar o lado cruel do escravismo brasileiro. O **senhor** e a **sinhazinha** impregnados de bondade e tolerância são geralmente apontados, em muitos estudos, como exceções e, com frequência, só quando o negro se revelava dócil e cada vez mais distanciado da revolta. Diminui, dia-a-dia, o número dos que procuram ocultar a face degrandante e desumana da escravidão.

A bondade do **senhor**, insinuada no discurso e na reação de São Pedro, foi marcada por Manuel Bandeira através dos seguintes recursos:

3 São Pedro. Figura importantíssima não apenas na história eclesiástica oficial, mas também no hagiológico popular. Na literatura oral, sua tipologia apresenta-se definida: dotado de astúcia, embora sem maldade; de visão maleável e tendente à tolerância; simples e, não raras vezes, simplório, por ser dotado de muita boa fé; crédulo e, por isso mesmo, nos contos populares nem sempre leva a melhor. Não falta quem nele enxergue a figura engraçada de Sancho Pança em oposição à de Dom Quixote. Chaveiro do Céu, lembra figuras populares de muitos porteiros de conventos e mosteiros medievais, também incluídas na literatura oral — sobretudo nas lendas — dela participando como personagem de facécias ou vítimas de patranhas de pícaros e de Malasartes. Faz chover quando lhe dá na telha, pois só ele sabe abrir as torneiras das nuvens. Por analogia, patrono dos viúvos. Festejado em 29 de junho. Suas fogueiras não chegam a suplantam às de São João, exemplo exacerbado de alegria dos que vivem, enquanto as dele, símbolos de saudade, indicam a merencórea festa dos que sobreviveram.

1. O epíteto “**bonachão**” reaproveita, desta forma, a visão popular que sempre viu no santo do ciclo junino um bom exemplo de figura cordial e humanizada;

2. A recorrência que o porteiro do céu faz ao antropônimo Irene, em lugar de usar alguma forma pronominal de distanciamento ou torneios frásicos destituídos de carinho;

3. O explícito tratamento hipocorístico, graças ao uso do pronome **você**, símbolo de intimidade e descontração;⁴

4. O emprego do sintagma: **Não precisar pedir licença**, expressão máxima de regalia e quebra de exigências protocolares, símbolo de intimidade.

O texto bandeiriano não deve ser arrolado na série dos seus **poemas-piadas**, mas na dos “poemas-relâmpagos”, podendo-se compará-lo aos japoneses, grandes mestres da síntese poética mediante seus **haicais** e suas **tancas**, ao lado dos malgaches com seus “**haitenys**”.

O poema “**Irene no Céu**” sugere a realidade interior do poeta movido pela ternura e saudade. Serve também como documento de uma sociedade de senhores e servos, de amos e escravos. A subjacência do prêmio póstumo pode ser encontrada na intenção de fazer com que os sofredores na terra encontrem, lá no céu, um São Pedro capaz de abrir-lhes as portas que lhe foram fechadas aqui na terra. Portanto, o poema prega subliminamente a resignação.

II. TEXTO JORNALÍSTICO LUSITANO

“Bem caracterizado /refere-se a **vendedeiras**
e **vendedores de sinas**/

no seguinte artigo do **Diário de Notícias**, de 20 de novembro de 1928, sob o título: “A Libania das Sinas, Vendedeira de Felicidade foi-se desta para melhor”: “Lá se foi a ‘Libania das Sinas’ desta para melhor. Morreu ante ontem, domingo, às nove da noite.

Morreu em casa duma velha conhecida sua, D. Almerinda dos Santos Neves, alma caridosa que muito gentilmente a cuidou nos seus derradeiros dias.

‘Libania das Sinas’ — de seu verdadeiro nome Guilhermina Libania da Piedade — era uma simpática figura popular de Lisboa. Vendia sinas e flores. Vendia ilusões, por essas casas de pobres, onde o sonho é por vezes

4 Cf. Antenor Nascentes, *El tratamiento de “señor” en el Brasil*, *passim*.

tão necessário à tristeza das almas como o quarto de pão de farinha triga é preciso ao desejo das bocas ansiosas.

'Libania das Sinas', num retalho de papel de côr, dobrado em quatro, distribuía felicidades por esses bairros fora.

Nenhum dizia nada que fosse impossível de acontecer. Todos traziam nas suas pregas o fulgor de encantadoras promessas. Todos eram risonhos — uns verdes, como é verde a esperança de melhores dias; outros vermelhos como alegria; outros amarelos como o lume do oiro, como o lume do Sol [. . .]

Pois todos eles a 'Libania das Sinas' repartia com ternura.

— Ó menina, compre-me aqui uma 'rifa'. Vai ver a sorte que tem!

E os olhos deslumbrados da varina ou da criadinha de servir olhavam o quarto de papel misterioso e perturbante. Às vezes nem o sabiam ler! Era um gaiato da vizinhança que soletrava:

— '[. . .]' ha-de ter todas as venturas. Invejas da vizinhança lhe moveirão grandes guerras. Mas vencerá. E ha-de casar com um rapaz muito bom e trabalhador. Terá três filhos. Um deles será doutor e lhe estarão reservadas grandes empresas. O outro [. . .]'

— Ó meu senhor, ajude aqui a velhinha. Leve-me lá uma 'sina'! [. . .]

E o burguês, sorrindo, pegava no retalho de papel azul. E lia:

— '[. . .] fadado se encontra para destinos felizes. Será saudável. E será rico. Um parente desconhecido, que vive em países do estrangeiro, lhe deixará boa fortuna em propriedades e papéis [. . .]'

E o burguês fechava o sorriso, e lá ia rua fora, a cogitar em que Americas, em que Brasis andava labutando primo ou tio seu, que dele se pudesse lembrar nos estortores dalguma febre fatal.

'Libania das Sinas', fornecedora de venturas em retalhinhos de papel de côr, morreu — como vivera — pobre. A sua fortuna resume-se em 336\$40, depositados no Montepio Geral, e nuns trapos e objectos, num quarto da rua de S. Marçal, onde morara, e que ontem foram ali arrolados por um juiz de paz.

Num hospital, onde estivera dias, como não tinha posses para gratificar os que a tratavam, claro que a não tratavam bem. E teve de vir, já 'muito malzinha', para casa de D. Almerinda aguardar a 'sua hora'.

Que chegou anteontem à noite.

D. Almerinda, que lhe deu guarida e cuidados, e é senhora modesta, de poucos recursos, andou ontem pela vizinhança, solicitando uns escudos para um 'enterrozinho capaz'.

Uma outra senhora, gentilíssima, bondosa como poucas, deu-lhe a mortalha.

E lá irá hoje à tarde o seu funeral, da rua do Poço dos Negros 60, 3º — casa da D. Almerinda — caminho de qualquer cemitério.

Guilhermina Libania, que vendeu promessas, felicidades, sonhos a tanta e tanta gente, vai com certeza direita ao Céu.

À porta, como de costume, Pedro lhe perguntará:

— Que fazia vocemecê lá por baixo, santinha?

— Vendia sinas, meu rico senhor!

— Passe, mulher! Que para si a entrada é livre!"⁵

O texto lusitano escapa à tipicidade jornalística. Não se trata apenas de anunciar a **morte** e a **salvação** de um tipo popular lisboeta — Guilhermina Libânia da Piedade — carinhosamente apelidada de Libânia das Sinas⁶. Mostra-se dotado de literariedade e, parcialmente, vinculado ao poema "Irene no Céu" de Manuel Bandeira.

A morte de Libânia das Sinas teria ficado no rol dos fatos esquecidos, não fora a confluência de três fatores responsáveis por sua sobrevivência memorial:

1) Ter merecido a atenção de um cronista, embora não mencionado, que bem soube, através de seu discurso literário, traçar as linhas de uma figura popular com todas as suas marcas históricas: tempo, espaço e ação;

2) Ter sido selecionado por José Leite de Vasconcelos para servir de exemplo — **vendedeira de sinas** — em sua monumental **Etnografia Portuguesa**, volume VII, integrante do livro III (Vida Tradicional Portuguesa: o indivíduo, a família e a sociedade);

3) A coincidência de parte dessa crônica figurar no poema "Irene no Céu" de Manuel Bandeira.

CONVERGÊNCIAS

"Irene no Céu" e "Libânia das Sinas" retratam ou tentam retratar figuras humanas inseridas na escala social, niveladas ambas pelos seguintes traços axiológicos:

- 1) *pobreza*
- 2) *simpatia*
- 3) *bondade*
- 4) *humildade*
- 5) *resignação*.

5 Apud J. Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, pág. 584-586.

6 Os estudos dos **tipos populares** ocupam espaço amplo na literatura oral.

Passado o tempo de sua **provação terrena**, elas vão ter ao céu, onde são muito bem recebidas pelo porteiro do Reino Celestial, sendo imediatamente introduzidas nas paragens fantásticas a fim de ali gozarem das eternas bem-aventuranças.

Irene reconhece na figura de São Pedro o símbolo do poder senhorial, ao chamá-lo de **"Meu branco"**. Libânia faz o mesmo, só que esta é mais explícita pois nele vê o seu **"rico senhor"**.

A tolerância de São Pedro pode ser detectada em ambos os textos, não sendo possível afirmar em que espaço ela se revela mais perto da mundividência popular.

Há convergência também na transposição da linguagem popular ou simplesmente do discurso oral descontraído. São Pedro ao excluir: **"Passe, mulher! Que para si a entrada é livre"** recorre à variação pronominal (si) destinada à terceira pessoa, embora pretendesse alcançar os ouvidos de uma segunda.

DIVERGÊNCIAS

Irene é sugerida como um ser pertencente ao mundo afetivo e pessoal do poeta, embora Manuel Bandeira procurasse, como já vimos, insinuar a doce figura da Mãe Preta brasileira, ao passo que **Libânia das Sinas** é concretamente delineada como figura **participante explícita da vida coletiva** de uma parte da comunidade lisboeta.

Conseguiu-se o perfil humano de Libânia das Sinas através de uma **visão analítica** capaz de apresentar os traços sócio-econômicos e psicológicos de um dos tipos populares de Lisboa. A apresentação de Irene, pelo contrário, faz-se através de uma **síntese introdutória**, o que vale dizer, com o mínimo de palavras, dela se obtendo um retrato humano ultra-condensado.

A São Pedro reservam-se dois vetores significativos, podendo ser decodificados conjunta ou separadamente:

a) O santo chaveiro do Céu apresenta-se tão íntimo que dispensa o tratamento de Santo (= São);

b) A sua dessacralização, decorrência do simples fato de ser confundido com qualquer um dos mortais (Pedro=João, Manuel, José e outros) ao qual se dispensa qualquer título cerimonioso, inclusive, no caso, o que lhe adveio da canonização através do martírio.

No texto bandeiriano quem dá início ao diálogo é Irene, submissa e humilde, enquanto Libânia limita-se apenas a responder a embaraçosa pergunta inicial. Irene dá-nos a impressão de ser a velha preta íntima do senhor, contrastando com Libânia, totalmente desconhecida por

parte do santo porteiro, de quem recebe boa acolhida a partir do momento em que este fica inteirado das atividades dela.

Concluindo: comparados os dois textos em questão, verifica-se que Manuel Bandeira não datou o seu texto “Irene no Céu”. Sabe-se apenas que o poema veio a integrar o livro *Libertinagem* (1930), em meio a outros que também não ostentam o ano de sua elaboração, embora o autor, numa entrevista, já houvesse declarado ter incluído no referido livro poemas escritos entre os anos de 1924 e 1930.

A crônica sobre *Libânia das Sinas* veio a lume em 1928, estampada nas colunas do *Diário de Notícias* (Lisboa).

Salvo melhor juízo de valor, pode-se levantar as seguintes hipóteses com respeito às fontes sugeridoras:

1) Manuel Bandeira teria divulgado, antes de 1928, o texto “Irene no Céu” em algum periódico do país ou do exterior — até o momento não localizado — possibilitando ao jornalista de Portugal o enxerto dele no final de sua crônica que celebra a vida e a morte de *Libânia das Sinas*;

2) O número do *Diário de Notícias* (20 de novembro de 1928) teria sido lido por Manuel Bandeira que resolveu fazer uma remontagem poética, utilizando apenas a parte final do mencionado texto;

3) Ambos os escritores teriam recorrido a passagens da literatura oral luso-brasileira em que a figura de São Pedro aparece, ora irado, ora esbravejante, porém com maior frequência perdoando os pecados dos candidatos a uma vaga no paraíso, ainda que tenham de passar pelo purgatório. Os exemplos se multiplicam, fazendo do santo o personagem central, cuja marca principal reside na bonomia e na tolerância.

Trata-se, por conseguinte, de um assunto aberto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cascudo, Luí da Câmara, *Dicionário do folclore brasileiro*, 4ª ed. revista e aumentada, São Paulo, Melhoramentos, Brasília: INL, 1979.
- Freyre, Gilberto, *Casa Grande e Senzala*, Rio de Janeiro, 9ª ed. Livraria José Olympio Editora, 1958.
- Goulart, José Alípio, *Da palmatória ao patíbulo (castigos de escravos no Brasil)*, Rio de Janeiro, Conquista, 1971.
- Mota, Ático Vilas-Boas da, Vampirismo cultural, *Presença*, Goiânia, 1986, Ano 1, nº 6: 26-27.
- Nascetes, Antenor, El tratamiento de “señor” en el Brasil, *Anales de 1ª Facultad de filosofía y educación*, Universidad de Chile, Santiago de Chile, 1937-1938, año 1: 29-35.
- Vasconcelos, J. Leite de, *Etnografia Portuguesa, tentame de sistematização*, Vd. VII, Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1980.
- Bandeira, Manuel, *Poesia completa e prosa*, organizada pelo autor, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1977.
- Bonfim, Manuel, *O Brasil*, nova edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1940, Brasiliana, Série 5ª Vol. 47 (Biblioteca pedagógica Brasileira).